

## Gênero e relações de poder: a vivência das mulheres que estão na liderança de organizações sociais



O campo social brasileiro, por estar associado às lutas por emancipação dos sujeitos e garantia de direitos, tem familiaridade com o tema das desigualdades estruturais e incorpora o seu enfrentamento nas narrativas, programas e ações junto aos seus públicos. No entanto, as organizações do campo social também são formadas a partir de sistemas de pensamento presentes no seu entorno, são sociais, e, portanto, atravessadas pelas contradições do seu tempo e pelas relações de gênero, raça e classe, dentre outras.

A contribuição e participação das mulheres para o desenvolvimento de lastros democráticos e a redução das desigualdades de gênero vêm se ampliando, é bem verdade. Todavia, em que pese a inegável representatividade feminina no setor social, ainda é baixa a participação das mulheres em espaços de poder dentro das OSCs. Uma pesquisa realizada em 2021<sup>1</sup> pela Gema - Consultoria em Equidades, juntamente com Instituto Matizes, lançou luzes sobre o assunto, apontando importantes achados para a reflexão do tema: 40% das OSCs brasileiras são compostas por mulheres em suas equipes, diz a pesquisa. Todavia, esta representatividade não se reflete nos cargos de liderança. A baixa participação das mulheres nestes postos chega a ser de 46%, se configurando como abaixo da média, segundo o estudo.

Cenários como estes apenas reforçam a importância de apoio às práticas de promoção e suporte para a equidade de gênero e raça, assim como desafiam as organizações sociais a ampliarem as discussões internas sobre o tema da participação das mulheres em

espaços de poder. Como as relações de gênero e raça são tematizadas, trazidas, escutadas da porta para dentro das organizações?

Para refletir sobre este tema foi proposta uma roda de conversa junto às mulheres que compõem o conjunto das organizações apoiadas pelo Fundo de Transição da Oak no Brasil. A Equipe DI foi provocada para isto a partir do trabalho realizado com as lideranças, cuja participação é majoritariamente formada por mulheres. Cabe aqui salientar que das setes organizações apoiadas, cinco são lideradas por mulheres. E foram elas que pleitearam um espaço, apenas com as mulheres, para aprofundar o debate sobre as relações de gênero nas organizações da sociedade civil e também falarem sobre suas experiências.

Assim, no dia 20 de fevereiro de 2024, aconteceu uma roda de diálogo a qual intitulamos “Gênero e Relações de Poder”, na sede da Fase-PE, mediada pelas consultoras da Equipe DI Cristiane Felix e Dalva Correia, por Terezinha Filha, integrante da coordenação colegiada da Associação Cultural Caranguejo Uçá, uma das organizações apoiadas pelo Fundo de transição. O encontro contou com a colaboração de Nataly Queiroz, jornalista e integrante da equipe DI, com experiência na temática de gênero.

### UM VESTIDO VERMELHO... qual a sua história?

O mote inicial dos diálogos da roda de conversa girou em torno das metáforas do conto A História do Vestido Vermelho<sup>2</sup>. O texto parte das reflexões de uma mulher idosa, em estágio terminal, sobre as “concessões” feitas ao longo da vida para atender expectativas e necessidades de outras pessoas. É do diálogo entre a protagonista e suas duas filhas que surge a primeira pergunta provocadora do debate para as participantes da roda de conversa “Qual a sua história de vestido vermelho?”

Divididas em três grupos, elas foram convidadas a falar e ouvir solidária e espontaneamente sobre suas vivências pessoais e/ou de

1. Governança inclusiva no terceiro setor: Gênero e Raça nas OSCs

2. História original disponível em: <https://youtu.be/zOrqXEaJ3io?si=YSPRSh2IV4tMH4zs>

outras mulheres do seu entorno próximo. Após esse momento, as facilitadoras conduziram uma partilha entre todas sobre o que a escuta, no pequeno grupo, despertou em cada uma e se elas identificaram semelhanças nas histórias. Em relação ao primeiro ponto, apareceram fortemente relatos associados à economia do cuidado, à desigual divisão sexual das responsabilidades domésticas - cujas consequências para a autonomia feminina não se circunscrevem ao lar, se espalhando também para vida política e para o empoderamento econômico -, assim como à culpa. Essa última em múltiplas dimensões e, quando interseccionalizada com o racismo, incorre na própria revitimização das mulheres negras, as quais são muitas vezes responsabilizadas pelas violências e assédios sofridos ao longo de toda a vida.

As semelhanças entre as falas ocuparam boa parte do diálogo nessa parte da oficina. Foram apontadas como tal: o ideário da mulher “perfeita”, aquela que faz tudo para todos calada, que luta contra a “sensação” de injustiça desse papel; a incompletude; a presença constante de movimentos cíclicos de repetição e ruptura de padrões; a opressão histórica dos lugares de cuidado impostos às mulheres; o legado da forma de criação que vivenciaram em seus lares; assim como, as diferenciações atravessadas pelas questões raciais e de classe.

## Do micro para o macro: as percepções em torno das relações de gênero nas OSCs

A segunda etapa das reflexões em pequenos grupos emergiu a partir da provocação “como o vestido vermelho está sendo tematizado nas nossas organizações?”. As lideranças presentes apresentaram relativa resistência em iniciar o debate sobre esse viés. Após um momento inicial de silêncio que, em grande medida, parece refletir o desconforto diante de uma das contradições inerentes ao campo social das esquerdas no seu agir cotidiano, elas apontaram que “o tema paira, mas não está totalmente em pauta dentro da instituição”; que “todo mundo é consciente, mas ainda falta aprofundar”; e que “o vestido vermelho é uma grande bandeira e está nas nossas narrativas, mas os vestidos são muitos para as mulheres e a gente se perde muitas vezes, na diversidade”.

As falas deste momento pareciam um estampido nos ouvidos, algo muito forte e que ao ouvir “de fora” pareciam ressoar um certo ressentimento. O fato de tais narrativas estarem até certo ponto bem construídas e tematizadas da porta para fora, no cenário social se revela ainda como uma necessidade de aprofundamento e acolhimento da porta das organizações para dentro. Ou seja, na opinião de muitas das presentes, este tema ainda não foi suficientemente explorado enquanto diálogo interno. E isso foi trazido pelas mulheres nas compreensões sobre o tema.

As desigualdades estruturais atravessam o nosso cotidiano em múltiplas camadas, nas esferas pública e privada. O tripé gênero, raça e classe, juntos, são construções sociais responsáveis por transformar diferenças em desigualdades, afetando, em países como o Brasil, o acesso à direitos e a cidadania da maior parte da população.

As relações de gênero, especificamente, consistem numa complexa teia de relações de poder, na qual existem papéis e limites atribuídos histórica e socialmente a corpos sexuados. Ou seja, a partir do sexo se estruturam lugares de mando e de submissão, utilizando-se, muitas vezes, discursos falaciosos, assentados numa moral essencialista. Falamos, então, de um ideário e cultura dirigidos à construção/manutenção do poder dos homens sobre as mulheres ou pessoas/corpos afeminados. Mas também de dispositivos jurídicos e burocráticos que operacionalizam essa ideologia, materializando-a em normas sociais que reforçam as desigualdades.

A escuta das mulheres mais uma vez nos acendeu luzes sobre como as questões estruturais estão atravessadas, e de tal maneira presentes, que mesmo se tratando do empoderamento feminino, com mulheres em postos de liderança, a dificuldade de se mover nesses espaços ainda é um desafio, cujo recorte de gênero e raça se constituem como marcadores reais de desigualdade de voz e de escuta, apontando para uma das muitas contradições presentes no setor social.

## Um passo para dentro: propostas para uma agenda antissexista nas OSCs

Na última etapa da roda de conversa, desafiamos o grupo a pensar temas e pautas para uma agenda antissexista e sinalizamos a importância de pensar o que poderia ser um primeiro passo para dentro das instituições as quais fazem parte. Este movimento levou as mulheres a dialogarem entre si para pensarem e co-criarem possibilidades de ações no âmbito interno e também em seus territórios de ação.

Ao final da oficina, as lideranças elaboraram um conjunto de ações que pode ser uma bússola para tematizar as relações de gênero e incorporar mudanças concretas no cotidiano das organizações. Foram elas:

- » Inserir o diálogo sobre relações de gênero e raça no ambiente de trabalho;
- » Realização de diálogos sobre direito das mulheres à cidade;
- » Realizar rodas de diálogo com objetivos nítidos para toda a equipe, visando a equidade de gênero, os quais incluam, por exemplo, a revisão do regimento interno da instituição;
- » Construção, com toda a equipe, de uma Política Institucional de Gênero, com recorte de raça;
- » Promover mudanças da cultura institucional;
- » Criar espaços seguros e acolhedores de fala nas organizações;
- » Desenvolver a escuta de acolhimento;
- » Realizar oficinas de fala pública para as mulheres;
- » Distribuir funções de cuidado entre os homens da instituição;
- » Questionar o papel dos financiadores na discussão sobre relações de gênero e raça nas instituições apoiadas
- » Círculo de aprendizados e cura.

As sugestões apresentadas dão conta de que são muitos os caminhos para ampliar esta discussão sobre gênero e relações de poder nos espaços das organizações sociais. Seja da porta para dentro ou da porta para fora, a construção dessas possibilidades deve passar por uma escuta ativa e acolhedora das vivências e desafios enfrentados pelas mulheres no trabalho cotidiano de lidar com as pautas sociais e políticas dos direitos no campo social tendo ainda que enfrentar os desafios de gênero dentro dos seus próprios espaços de atuação, ou seja, as OSCs.

Vale considerar que as OSCs se constituem em espaços de militância, de transformação social, envolvendo diversos sujeitos, e de trabalho (remunerado e não remunerado). Essas múltiplas camadas exigem um olhar cuidadoso em relação aos fluxos e papéis, uma vez que podem gerar demandas maiores e sobrecarga sobre alguns sujeitos em especial. A iminência de esgotamento físico e mental pairou nas narrativas das lideranças mulheres não só nesta roda de diálogo, mas em diversos momentos do acompanhamento da Equipe DI às organizações. Urge aprofundar as ações democratizantes para dentro desses espaços, ações de construção de novas lideranças, com perfis identitários diversos, mas isso precisa vir acompanhado de novas práticas, além de discursos, alicerçadas em políticas e compreensões sólidas sobre equidade, antirracismo e enfrentamento à todas as formas de opressão.

O aprendizado sobre a tematização e reflexão deste tema no âmbito da Equipe DI nos mostrou quão importante é a criação de espaços de confiança para que temas desta natureza possam ser pautados, discutidos e aprofundados. Não se trata apenas de narrativas e dados, embora estes sejam fundamentais para a compreensão de qualquer fenômeno de desigualdade. Trata-se sobretudo de pensar sobre mudanças internas, abrir espaço para que ações sejam empreendidas internamente e gerar uma ambiência de confiança para que estes temas possam emergir e provocar mudanças na cultura institucional.

Aliás, a confiança é um ponto fundamental, uma vez que estes temas acionam memórias e situações que requerem empatia e maturidade do grupo para lidar com o que emerge em emoções, gestos e falas.

Essas vivências nos ensinam que por mais duro ou difícil que possa ser o tema a ser trabalhado, há um componente importante na escolha da abordagem que, na nossa maneira de enxergar DI, está na compreensão do protagonismo dos sujeitos, neste caso das sujeitas, e no respeito às suas histórias de vida. A compreensão deste aspecto abre espaço para múltiplos aprendizados no campo do DI.

Não por acaso, esta foi a última roda de conversa realizada com o grupo e isso também nos sinalizou que este não foi um tema priorizado, muito embora tenhamos tocado nele aqui ou ali, nas ações mais individualizadas de escutas e/ou mentorias de gestão. Todavia, não houve uma intencionalidade na abordagem específica de gênero como um campo a ser mais aprofundado e explorado em coletivo, o que veio a ser feito somente no final do percurso do Fundo de Transição. Entendemos a provocação das organizações como sendo um sinal da porta para dentro. E acolhemos sem mais demora.

Ao final desta roda fizemos um círculo místico para celebrar e honrar os aprendizados. E convidamos Terezinha Filha para facilitar uma dinâmica de cura coletiva, com meditação, Reiki e dança circular. Essa foi uma roda ampla, cuja dimensão de gênero e poder transcendeu as narrativas e transformou-se em um aprendizado vivo, caloroso e respeitoso, por onde desejamos que se efetivem as transformações.

## REFERÊNCIAS

IPEA. **Governança inclusiva no terceiro setor: Gênero e Raça nas Oscs.** Brasília: 2021. Disponível em <<https://mapaosoc.ipea.gov.br/post/121/pesquisa-governanca-inclusiva-no-terceiro-setor#:~:text=A%20pesquisa%20%22Governan%C3%A7a%20inclusiva%20no,mecanismos%20para%20a%20promo%C3%A7%C3%A3o%20de>>, acesso em 13.03.2024.



## **O VESTIDO VERMELHO** AUTOR DESCONHECIDO LIVRE ADAPTAÇÃO PARA A OFICINA GÊNERO E RELAÇÕES DE PODER

**Filha 1** | Mamãe estava morrendo e seu vestido vermelho estava pendurado no cabide junto com outros vestidos velhos e escuros que sempre usou.

**Filha 2** | Nos chamaram com urgência, e quando a vi, percebi que lhe restava pouco tempo. Olhei o vestido vermelho e lhe disse: Mamãe, que bonito! Porque nunca lhe vi vestida com ele?

**Mãe** | Nunca o usei. Sentem-se meninas.

Antes de partir gostaria de consertar uma ou duas coisas que lhes disse se é que posso.

**Filha 1** | Nos sentamos junto à sua cama e ela tomou fôlego com mais força do que pensei que tinha.

**Mãe** | Agora que sei que irei, posso ver com clareza algumas coisas. Lhes ensinei coisas boas, porém também me equivoquei.

**Filha 2** | Mamãe, o que queres dizer?

**Mãe** | Pensei que uma mulher boa nunca pega o que pertence a ela. E que ela só existe para fazer coisas por alguém. Faz isso, faz aquilo... atende sempre às necessidades de todos e assegura-se que as suas coisas fiquem no fundo de um montão de outras prioridades. Pensa que qualquer dia chegará a sua vez, mas esse dia nunca chega. Minha vida foi sempre assim. Sempre fazendo para o seu pai, para seus irmãos e para vocês.

**Filha 1** | Fizeste tudo o que uma mãe deveria fazer!!

**Mãe** | Maria, Maria!! Isso não foi bom nem para ti, nem para eles. Tu não te dás conta que esse é o pior dos males? Nunca pedi nada para mim. Teu pai está na outra sala, desesperado. Quando o doutor nos disse que estou mal, ele veio até junto a mim e tentou puxar a vida de mim dizendo: “ Não podes morrer!!! O que vai ser de mim? ” Sei que será difícil para ele. Vocês sabem que ele nem sequer sabe onde está a frigideira. Fiz tudo para todos em todos os aspectos. Era a primeira a levantar-me e a última a deitar-me, durante os sete dias da semana. Tenho visto a forma como os teus irmãos tratam as esposas e me adoce porque fui eu que lhes ensinei assim e eles aprenderam. Aprenderam que uma mulher não existe



# #5

se não for para dar-se. Porque cada centavo que pude juntar foram para suas roupas e seus livros, embora não fosse necessário. Não posso lembrar uma só vez que tenha ido ao centro comprar algo bonito para mim. Só no ano passado quando comprei esse vestido vermelho. Logo me dei conta que gastei com algo que não teria um objetivo previsto. Estava a caminho de fazer um pagamento extra da máquina de lavar e não sei como cheguei em casa com uma caixa grande. Teu pai me destroçou com essas palavras: “ Tu vais vestir para assistir novelas?”

Suponho que ele tinha razão. Só o vesti uma vez, na loja.

Vistam vocês esse vestido. Sempre pensei que se não tivesse nada nesse mundo, receberia no mundo vindouro. Já não acredito mais nisso. Creio que devemos ter algo aqui e agora. Digo a vocês que se algum milagre me levantasse dessa cama, eu seria uma mulher diferente. Já que deixei passar a minha vida usando o tempo dessa forma, nem sei se saberia como fazer diferente, mas acredito que aprenderia. Ah ...aprenderia!

**Filha 1** | Mamãe estava morrendo e seu vestido vermelho estava pendurado em seu cabide como uma ferida num monte de vestidos velhos e escuros que sempre usou. Suas últimas palavras para nós foram: “meninas, me façam o favor de não seguir os meus passos. Prometam-me”.

**Filha 2** | Depois que prometemos, respirou tranquila e tomou o seu rumo para a morte. ✨

## BALANÇO DA EXPERIÊNCIA E APRENDIZADOS

